

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

calei
dos
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

Por opção dos autores,
e manifestando a sua discordância
com o acordo ortográfico de 1990,
os presentes textos são apresentados
com a grafia que lhe é prévia.

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

ANA LEMA SEABRA
ANA MARGARIDA ARRUDA
ANA SOFIA ANTUNES
CATARINA BOLILA
CIDÁLIA DUARTE
CLÁUDIA COSTA
CLÁUDIA MANSO
DAVID GONÇALVES
DIEGO ANGELUCCI
ELISA DE SOUSA
ÉVER CALVO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
JOANA REIS
JOÃO MURALHA
JOSÉ CARLOS QUARESMA
JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

MANUELA LEITÃO
MARINA LOURENÇO
NATHALIE ANTUNES-FERREIRA
NÉLSON CABAÇO
NUNO NETO
PAULO BOTELHO
PAULO REBELO
PEDRO FERNANDES
PEDRO PEÇA
RAQUEL GRANJA
RODRIGO BANHA DA SILVA
SUSANA GARCIA
SÍLVIA CASIMIRO
VASCO LEITÃO
VASCO NORONHA VIEIRA
VÍTOR FRAZÃO

Sumário

7	Apresentação	66	Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos
8	Nota Introdutória		RODRIGO BANHA DA SILVA
10	À guisa de introdução: algumas palavras prévias...	70	Rua das Portas de Santo Antão
	RODRIGO BANHA DA SILVA		NÉLSON CABAÇO, ÉVER CALVO MARINA LOURENÇO SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO RODRIGO BANHA DA SILVA
12	Práticas e rituais funerários na região de <i>Olisipo</i> no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo	74	Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana
	ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA ANA SOFIA ANTUNES SUSANA GARCIA		PEDRO PEÇA CATARINA BOLILA RAQUEL GRANJA PAULO REBELO
24	Espaços funerários: de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a <i>Olisipona</i>	84	Encosta de Sant'Ana: Os espaços sepulcrais
	RODRIGO BANHA DA SILVA		CIDÁLIA DUARTE CLÁUDIA COSTA DAVID GONÇALVES DIEGO ANGELUCCI JOÃO MURALHA JOSÉ CARLOS QUARESMA MANUELA LEITÃO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA PAULO BOTELHO VASCO LEITÃO
32	Rua dos Correeiros: o espaço funerário	100	Rua de Santa Marta, n.º 32-34: estrutura funerária romana
	ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA JACINTA BUGALHÃO RODRIGO BANHA DA SILVA CIDÁLIA DUARTE		PEDRO FERNANDES NUNO NETO
40	Rua Nova do Almada, n.º 63-73: Vestígios da necrópole romana da “via Este-Oeste” de <i>Olisipo</i>	104	As inscrições funerárias da Necrópole NO de <i>Olisipo</i>
	HELENA PINHEIRO RAQUEL GRANJA NUNO NETO		RODRIGO BANHA DA SILVA
44	Praça da Figueira		
	RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO		

116	Núcleos ocidentais I - Palácio dos Condes de Penafiel RODRIGO BANHA DA SILVA	141	Recintos, edifícios e monumentos funerários em <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
120	Núcleos ocidentais II - Rua de São Nicolau e <i>Corpus Christi</i>: Discretas evidências da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA CLÁUDIA MANSO RODRIGO BANHA DA SILVA ANA SEABRA	161	Os Olisiponenses: Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia FRANCISCA ALVES-CARDOSO SÍLVIA CASIMIRO SUSANA GARCIA NATHALIE ANTUNES-FERREIRA RAQUEL GRANJA MARINA LOURENÇO CIDÁLIA DUARTE DAVID GONÇALVES
121	Núcleos ocidentais III - Rua da Prata: Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO CLÁUDIA MANSO NUNO NETO JOANA REIS JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO	174	A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO
123	Alfama RODRIGO BANHA DA SILVA	182	O mobiliário funerário RODRIGO BANHA DA SILVA JOSÉ CARLOS QUARESMA
126	Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um <i>columbarium</i> de <i>Olisipo</i> VASCO NORONHA VIEIRA NUNO NETO SÍLVIA CASIMIRO VÍTOR FRAZÃO RAQUEL SANTOS	198	Referências
130	Práticas e rituais funerários em <i>Olisipo</i> entre os séculos I e VI d.C. RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA MARINA LOURENÇO RAQUEL GRANJA SUSANA GARCIA CIDÁLIA DUARTE FRANCISCA ALVES-CARDOSO	209	Lista de Autores

Praça da Figueira

RODRIGO BANHA DA SILVA
SÍLVIA CASIMIRO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO

Na Praça da Figueira aconteceu, em 1960, o primeiro grande salvamento arqueológico na cidade de Lisboa. A expansão da rede do Metropolitano provocou o aparecimento, nas valas da obra da futura estação “Rossio”, do remanescente do antigo Hospital Real de Todos-Os-Santos, desencadeando uma extensa escavação municipal conduzida pela então Conservadora de Museus, Irisalva Moita. Após exumar as estruturas e salvaguardar os elementos arquitectónicos que integravam as construções, para isso desmontadas no processo, prosseguiu em Setembro a obra do Metropolitano.

Contudo, em Abril de 1961 Irisalva Moita iria de novo ser chamada ao estaleiro das obras para dali recolher o primeiro de doze conjuntos fúnebres romanos que iriam ser encontrados ao longo desse ano pelos engenheiros e operários, abaixo dos alicerces do antigo Hospital. A repetição das visitas ao local para levar do estaleiro os conjuntos de objectos romanos para o Museu da Cidade permitiu fazer perceber paulatinamente a Moita estar-se na presença de uma necrópole romana importante, e seria a sua insistência que permitiria ser-lhe autorizada por fim a sua ida ao subsolo, já nos primeiros dias de Fevereiro de 1962. Com a ajuda dos operários, ali procedeu então a desaterros de estruturas, colectou artefactos e recuperou a soleira de porta de um edifício que arrancou da construção original. Mais importante, seria esta mesma insistência de Moita, com

o seu apelo ao salvamento urgente da necrópole romana, que desencadearia a escavação arqueológica propriamente dita, iniciada a 9 de Fevereiro sob a direcção de Fernando Bandeira Ferreira, em representação da Junta Nacional de Educação, o organismo que tutelava então a Arqueologia Portuguesa.

Numa época em que a disciplina pouco tinha de profissional, Bandeira Ferreira reuniu um grupo de escavadores mais preparados, onde pontuavam “arqueólogos feitos” como José João Fernandes Gomes e, principalmente, Eduardo Prescott Vicente, cujos conhecimentos dos métodos de escavação mais actualizados trouxeram aos registos uma qualidade assinalável para o que era a prática portuguesa do início da década de ’60. A estes, e aos operários, se juntou um motivado grupo de estudantes da Universidade de Lisboa, do qual faziam parte pessoas

FIG. 1

Planta da Fase III da Praça da Figueira (meados do século I d.C. a final do século III-inícios do IV d.C.).

curiosamente mais tarde bem conhecidas nos âmbitos da História (Luís Filipe Thomaz), da Olisipografia (Fernando Castelo Branco) ou da Epigrafia (Justino Mendes de Almeida), para dar só alguns exemplos.

Da escavação, feita em condições muito adversas, subterrâneas, Bandeira Ferreira pouco publicou, infelizmente. Uma reportagem feita então pela RTP foi só muito recentemente localizada por Raúl Losada. Ainda assim, a planta de síntese da via romana e dos monumentos que a ladeavam foram desde logo publicadas por Fernando Castelo Branco (1961). Moita, por sua vez, publicou de maneira mais exaustiva e repetidamente os elementos que recolheu (1968, 1994), procurando conferir sentido aos conjuntos que transportou do estaleiro e aos dados que observou nos quatro dias que valorosamente passou no subsolo da Praça. Por questões de ordem vária, a comunicação entre ambos os investigadores não se verificou. Este desfazamento acabou por marcar ambas as acções de uma forma tal, que até recentemente alguns investigadores se colocavam a interrogação se teriam ambos actuado sobre áreas distintas embora contíguas da necrópole romana. Hoje sabemos que trabalharam sobre as mesmas realidades, e o relatório de Bandeira Ferreira (ainda inédito) é por demais claro a esse respeito (Silva, 2005).

Foi com este capital de conhecimento prévio que teve lugar a intervenção arqueológica mais recente na Praça da Figueira, decorrida entre 1999 e 2001. Então se exumou uma área extensa, de mais diversificados elementos. Seriam os resultados da escavação mais recente que viriam a permitir a revisão dos dados disponibilizados pelas acções anteriores e, por fim, possibilitaria facultar a leitura de conjunto que aqui se tenta esboçar das evidências de Época Romana encontradas sob a actual Praça da Figueira.

Sabia-se, muito antes das acções arqueológicas do século XX, que ali jazia o troço de um dos principais itinerários viários de entrada e

saída da cidade medieval e moderna, caminho cujo traçado seria integrado sob a antiga arcaria do Rossio anterior a 1755. O tecido urbano dos nossos dias ainda o mostra fossilizado na paisagem, traduzindo-se na sequência formada pelas ruas das Portas de Santo Antão, de São José e Santa Marta, passando sob a Fontes Pereira de Melo até ao Largo do Andaluz, até se desvanecer logo após o Largo de São Sebastião da Pedreira. Seria o troço de via romana encontrada em 1962 nas escavações de Bandeira Ferreira (1962; Branco, 1961) o antepassado mais remoto daquele caminho, comprovando como certeza a intuição de antigos estudiosos de Lisboa que viam no itinerário medieval e moderno uma origem romana.

Seria, contudo, a escavação de 1999/2001 a fornecer os dados mais seguros a este respeito: tendo-se pela primeira vez escavado o tabuleiro da via, o estudo das evidências mais antigas do piso indica não poderem ser recuados a antes do principado do Imperador Tibério (14-37 d.C.). Convém, todavia, recordar a existência de esparsos e discretos vestígios na Praça da Figueira que sugerem um uso daquele itinerário meio milénio antes do advento do Império Romano, em plena Idade do Ferro, convindo também aqui ressaltar que entre a ideia e a materialização construtiva romana poderá mediar um lapso de tempo: assim, pode-se admitir que o propósito de conferir ao antigo trajecto da Idade do Ferro uma configuração romana, de outra forma estruturada, pode remontar ao tempo do Imperador Augusto (27 a.C.-14 d.C.), ou até a momentos anteriores, que, no local específico da praça, não nos legaram vestígios.

Nestas primeiras décadas do século I d.C. o uso funerário do espaço está, tanto quanto sabemos hoje, ausente. De facto, é no tempo do Imperador Cláudio (41-54 d.C.) que se assinalam os primeiros sepultamentos, que se seguem a uma ampla terraplanagem do terreno e à instalação de uma outra via em direcção ao actual Rossio, secundária: é este

o momento em que o local recebe uma urbanística romana “clássica” de que dão testemunho muros definidores de duas vastas parcelas de terreno, um dos quais porticado, e os dois edifícios funerários que ladeavam pelo leste a via romana e sobre os quais incidiram as acções de Irisalva Moita e Bandeira Ferreira (FIG. 1).

O primeiro dos edifícios funerários, mais a sul, foi encontrado incompleto porque interceptado na sua extremidade a sul pelos trabalhos do Metropolitano. De configuração rectangular com 4,60 m de fundo, restaram pouco mais de 5 m da sua frente ao longo da via, apresentando o espaço interior compartimentado em duas áreas: no ângulo traseiro uma pequena subdivisão rectangular revestida a tijolo (*later*); o restante, com um pavimento em “formigão” (*opus signinum*), limitado em arco de círculo dotado de rebordo em meia-cana que deixava um pouco mais alteada a área imediatamente junto à outra compartimentação menor, devendo esta formulação do piso equivaler a uma adição posterior à original.

O compartimento menor, correspondia a um forno de cremação (*ustrinum*). No seu interior foram revelados dois sepultamentos sucessivos do modelo *bustum*, ou seja, cremações primárias que constituíam o próprio sepultamento. A primeira pôde ser situada com posteridade a 50 d.C., tendo sido praticada com maior probabilidade nos finais dessa década ou na de 60 d.C.; a segunda, necessariamente anterior, necessariamente depois de 55 d.C. (Silva, 2012a, p. 482), pelo que ambas se inscreverão dentro do principado de Nero (54-68 d.C.).

Sob o piso do mesmo edifício identificaram-se em 1961 três sepulturas de cremação enterradas em pequenas covas, alinhadas, com as urnas e outros objectos fúnebres colocados no interior de contentores maiores (grandes ânforas béticas de azeite desprovidas do gargalo e asas, reutilizadas, e uma

talha/dólio). As cronologias destes sepultamentos são muito aproximadas das que antes fizemos menção, pois para uma delas foi possível determinar uma data de entre 50-68 d.C.

Da mesma área provêm, também, uma pequena urna paralelepípedica em chumbo, (FIG. 3) encontrada no angulo interior fronteiro do edifício, contendo os restos da cremação e um unguentário carbonizado no seu interior, e a caixa e tampa também em chumbo (*ossilegium*) de uma outra urna, em vidro, e de que apenas se conservou um fragmento do bordo. Ambas datadas dos flávios (69-96 d.C.), a última encerra o interesse peculiar de ostentar três vezes esgrafitada no corpo da caixa plúmbea a abreviatura do nome do defunto, *QCF*, de novo repetida três vezes na aba da tampa e, no topo desta, o texto *CINERES QCF* (cinzas de *QCF* = referente a alguém da família/*gens Callaea*? - ver abaixo). Sem que se possa atribuir especial significado ao facto, convém recordar aqui com propósito que o ritual clássico romano pressupunha a chamada do nome do defunto três vezes, no momento que antecedia o início da sua cremação...

Embora desconheçamos a forma como este edifício se desenvolvia em altura (se seria coberto, ou não, se era dotado de porta de acesso a partir do exterior, ou não, ...), fortes evidências indirectas sugerem-nos que o seu interior era dotado de nichos parietais destinados ao depósito de cremações: as placas de fecho destes em *marmora* (na realidade em lioz de Sintra/Pero Pinheiro, rosa ou cinzento), de topo semi-circular, assinalavam as sepulturas de, respectivamente, *Vrsia Fundana*, *Vrsius Arrenus* e *P. Vrsius Nicerotis*, de *Caius Vrsius Clemens*, de *Caius Terentius Saturninus* e de *T. Callaeus Saluianus*. Contemporâneas, e enquadráveis no último terço do século I d.C. às primeiras décadas do século II d.C., a circunstância de os nomes de família inscritos nas tampas mostrarem três



FIG. 2

Embasamentos de edifícios funerários, *cupa* e recinto funerário a oeste da via *Olisipo-Scallabis* em processo de escavação, em 2000 (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

gentes (famílias) diferentes não é de espantar, e pode assumir significados distintos mas de qualquer das formas sugestivos: ou estamos em presença de um monumento colectivo, eventualmente pertença de um *collegium funeratitium* (agremiação mutualista com a finalidade de providenciar ritos e sepultura aos seus associados) ou, ao invés, trata-se de um monumento familiar que acolheu indivíduos com outros gentílios (o que se afigura menos provável) ou, ainda, de que se alienou contratualmente a propriedade de uma ou várias fracções do monumento funerário, prática que nada tem de incomum nos primeiros dois séculos do Império, pois a situação

detém bons paralelos em necrópoles itálicas como as de Óstia ou Roma (Toynbee, 1996).

Contíguo a este edifício para norte, o outro escavado em 1962 por Bandeira Ferreira tinha cerca de 6,60 m de frente e 8,40 m de fundo. Dotado de três portas, a central dava acesso a um pequeno compartimento, claramente o elemento principal do monumento funerário, tanto mais que era o único que possuía soleira de porta em líoz rosado (que Moita arrancou antes da escavação arqueológica propriamente dita). Infelizmente, os dados arqueológicos a propósito deste compartimento são silenciosos. Junto à entrada lateral direita, todavia, Moita encontrou enterrada sob o solo uma sepultura de cremação praticada no corpo de ânfora bética. O gargalo cortado fora tapado com uma placa em líoz avermelhado referente a uma jovem escrava de 16 anos chamada *Creusa*, propriedade de *Avita*, sem objectos no interior. Apesar do achado ser muito apelativo pela possível ligação entre sepultura e identidade da sepultada, esta relação não existe, pois não faria sentido a lápide epigrafada estar enterrada, oculta, devendo antes figurar na parede, pelo que se deduz ter sido reutilizada como tampa. Situação idêntica foi documentada na escavação de Bandeira Ferreira, que exumou um pote cinerário de duas asas coberto com a placa funerária da menina *Passeria Romula*, de 4 anos, encontrada com a inscrição voltada para baixo (Ferreira, 1962, pp. 318 e 134-foto).

No edifício, por detrás da parede que definia o pequeno compartimento fronteiro central, situava-se uma área aparentemente livre mas com sepultamentos sob o solo. Quatro urnas de cronologia incerta, mas decerto de entre os meados do século I d.C. e os meados do III d.C. foram daqui exumadas por Bandeira Ferreira (1962 e Silva, 2012a, p. 396, figura 84).

No exterior do edifício, mas nas suas imediações, se exumaram em 1962 um dóló de duas asas, de conteúdo desconhecido, um



FIG. 3

Urna do edifício funerário SO escavado em 1962 (créditos fotográficos: Museu de Lisboa / EGEAC - Luísa Cunha).

outro contendo dois potinhos de presumível produção norte-alentejana e uma concentração de cinzas, eventual local de cremação (*ustrinum*). Talvez daqui provenha também o conjunto recolhido em 1961 e denominado por Moita de «Conjunto II». Este incluía dois dólios (usados como *cinerarium*), várias urnas cerâmicas (oito, pelo menos), *marmora* (placas de lioz) e tijolos usados como tampas daquelas, como vários objectos originalmente associados às sepulturas (Moita, 1968, pp. 66-67, n.ºs 23-42), no seu todo cobrindo datações genericamente situáveis entre os meados do século I d.C. e o século II d.C.

A verificar-se a hipótese colocada, o monumento assinalava uma distinção marcada

entre áreas fúnebres, onde o compartimento centralizado da fachada, destinado a um indivíduo desta forma destacado e/ou seu núcleo gentílico, deixava o restante espaço, sobretudo no tardo, e nas imediações do exterior destinado ao sepultamento de outros indivíduos a ele(s) associado(s) mas de menor *status* social, porventura incluindo aqui os elementos de origem servil (e clientelares?). Como apontamento a propósito deste edifício registe-se o importante achado de um poço hidráulico construído em tijolo (*later*, conformado para o efeito) localizado no ângulo interior traseiro direito: trata-se de um elemento muito frequente nos edifícios e monumentos funerários itálicos destinado às libações e outros



FIG. 4

Pórtico de grande recinto funerário, visto do exterior (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

rituais fúnebres, nomeadamente à comensalidade, tendo a escavação de Bandeira Ferreira comprovado a intensidade do seu uso pois nele se encontrou elevado número de contentores de líquidos (bilhas, jarros, cântaros e, em menor medida, pucarinhos) sobretudo datados dos séculos I ao III d.C.

Um elemento também muito interessante associado ao monumento que vimos descrevendo corresponde ao enterro, praticado no exterior, nas suas traseiras, de um equídeo muito completo. Não sendo invulgar a presença de equídeos em áreas funerárias romanas, como na Encosta de Sant'Ana (ver capítulo neste mesmo volume), trata-se normalmente de elementos parciais do animal. No caso específico, escavado em 1962, a posição em decúbito lateral e o bom estado de conservação do exemplar (que portanto não foi esquarterado com o fim

de ser simplesmente descartado) sugerem cuidado ritual e uma situação de sepultamento, o que tem vários paralelos no mundo romano. Acresce ao particularismo do enterro deste equídeo romano a sua viável identificação com o zebro, espécie há muito extinta no espaço do actual território português (informação oral prestada pelo Prof. Telles Antunes, a quem se aproveita aqui para agradecer a informação acerca do exemplar que conserva na sua posse).

Os dados relativos ao uso fúnebre do espaço da Praça da Figueira nesta fase mais recuada revelaram-se bem mais discretos na escavação de 1999/2001. Na realidade, e apesar de se poder atribuir com segurança aos meados do século I d.C. a construção do grande recinto porticado já antes mencionado (FIG. 4), são poucos os sepultamentos destas alturas iniciais que se lhe podem associar: uma



FIG. 5

Depósito de resto de cremação praticado em ânfora de azeite da Bética, reutilizada (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

sepultura depositada em fossa posicionada no tardo da área, composta por duas urnas cobertas por tijolo com um púcaro associado; pelo menos duas das três cremações depositadas em ânforas béticas com o gargalo cortado, flávio-trajânicas (69-117 d.C.) (FIG. 5); uma urna junto ao muro sul e uma outra coberta por um fragmento de tijolo contendo um bebé, junto à fachada. Será também o caso de uma urna com respectiva tampa e uma taça, todos em vidro, arremessados ao solo durante a desmontagem das construções ocorrida no século III d.C.

No lado oposto da grande via romana, na zona próxima à via secundária, se identificou uma fossa contendo cerâmica abundante, alguma da qual em bom estado de conservação. Compunham o conjunto pratos e taças de mesa quase em exclusivo elaborados no Sul da Gália durante os principados de

Cláudio e Nero (41-68 d.C.), dois cálices decorados oriundos de Arezzo e de Pisa (Itália), seis ânforas de preparados piscícolas (duas do Tejo, três oriundas de Peniche e outra da costa bética), uma ânfora para azeite bético, umas poucas lucernas (5) e vasos de paredes finas (4) e expressiva quantidade de loiça corrente, maioritariamente regional. O total estimado dos 98 vasos mostra um perfil de conjunto que distingue esta fossa de outras similares mas resultantes de descartes de lixo doméstico, o que autorizou a colocar-se a hipótese de se tratar do resultado dos restos de um banquete funerário (Silva, 2005, pp. 245-248).

Outros dados para o século I d.C. são, porém, mais expressivos, embora não categóricos. Referimo-nos ao aspecto mais signifiicante deste quadrante a ocidente da via, a presença de dois potentes maciços de planta quadrangular, suportes de monumentos.

O mais a norte, um pouco maior, compreendia uns reconstituídos cerca de 4,80 x 4,80 m; o outro, 4,20 x 4,20 m. Entre ambos se definia um muro fronteiro de recinto. Por via do roubo generalizado de pedra ocorrido no local a partir do último terço do século III d.C., que fez desaparecer toda a parte construída acima do solo, é-nos hoje impossível determinar a fisionomia das duas estruturas, por certo à época monumentais.

No mesmo lado da via a que nos vimos referindo se assinalou, a norte do muro de limite da via secundária, a instalação de recintos menores. Num deles se reconheceu um *bustum* flávio-trajânico, contendo dois púcaros e os restos de uma ânfora bética de reduzida dimensão (Dressel 20 *parua*), com paralelos lisboetas coevos nas ruas do Paraíso e de Santa Marta. Como noutras vezes na Praça da Figueira, perto desta sepultura se utilizou o corpo de uma outra ânfora bética truncada na parte superior para depositar os resultados de uma outra cremação, praticada nos finais do século I d.C. ou durante o século seguinte. Um pouco mais recuado em relação à via se identificou um lugar de cremação (*ustrinum*) rectangular com a parte central rebaixada, tendo-se encontrado no seu interior restos dos elementos ornamentais do leito fúnebre em osso (ou marfim?) e um fuso de roca.

O século II d.C. assiste, na área da Praça da Figueira, à continuidade das acções funerárias, especialmente no sector a leste da via. No extremo sul da escavação foi erigido um outro embasamento maciço de monumento de planta de tendência quadrangular. Contíguo a este, foi aberto um forno de cremação rectangular, com o centro em caixa rebaixada. Profundo cerca de 1,30 m, o fundo foi totalmente forrado a tijolo (*later*) e a caixa central cuidadosamente construída no mesmo material. Nela se encontraram alguns restos da respectiva cremação e, entre eles, um fragmento carbonizado do fundo de lucerna marcado AVF(*ius*) FRON(*tonius*),

oleiro norte-africano que produziu ao longo de todo o século II d.C. Para norte destes elementos, os dados apresentavam-se muito perturbados pelas acções construtivas posteriores. Ainda assim foram registados dois restos de construção em alvenaria de pedra e tijolo e, entre os materiais dispersos, contava-se o conjunto de um prato e uma tigela em loiça de mesa vermelha de mesa fabricada na Hispânia Setentrional ostentando o grafito AFRI (pertença de alguém chamado *Afer* ou *Afri-canus*), que podem ter provindo de uma sepultura da zona. Seguindo a mesma ordem, os restos de um monumento em forma de meio barril (*cupa*) foram assinalados um pouco mais para norte: visível à superfície à época, fora construída no próprio local do forno de cremação (*ustrinum*) em alvenaria de tijolo, forrada pelo exterior a formigão isolante (*opus signinum*), guardaria originalmente no interior os restos rituais (*ossilegia*). Muito truncada pela instalação de um conjunto funerário posterior, não é impossível que numa das suas faces estivesse colocada a placa funerária identificadora do defunto.

O grande recinto porticado mantém no século II d.C. os discretos níveis de uso que havia detido antes. A norte da entrada foi praticada uma cremação, sobre a qual é edificada uma outra *cupa* em alvenaria de tijolo (sepultura de tipo *bustum*). Ao contrário da que referimos antes, esta é, contudo, uma construção soterrada e não visível. Uma outra, em tudo similar, foi construída sensivelmente na mesma altura mas do lado oposto da via, entre os dois potentes embasamentos de monumentos (FIG. 6). A sequência da estratigrafia e o espólio funerário associado à primeira destas *cupae* remete a sua construção para momentos imprecisos dentro do segundo século da Era ou primeiras décadas do seguinte. É, porém, no segmento situado entre o século II d.C. avançado e o último terço do século III d.C. que esta ampla área



FIG. 6

Incinerações (*busta*) da Praça da Figueira (créditos fotográficos: CML/MC/DPC/CAL).

conhece os momentos de maior intensidade de utilização funerária.

Pelo menos quatro monumentos de alguma entidade são então construídos na área porticada: três equivalentes a cremações e um correspondente a uma inumação. (FIG. 8 e FIG. 9).

A cerca de 5 m da soleira do portão, no local onde teve lugar a cremação se procedeu à recolha dos *ossilegia*, depositados no interior de uma cista em tijolo, construída sensivelmente ao meio do *ustrinum*. Coberta por um outro tijolo, sobre o conjunto se ergueu um monumento de planta quadrangular, quase completamente desmantelado pelas acções de roubo de material de construção. Afortunadamente, um dos lados da estrutura mostrava os restos de estuque pintado, sugestivos da exuberância decorativa original: duas estreitas faixas negras (na realidade castanhas muito escuras), serviam de metopa e isolavam dois diferentes painéis com pintura em

marmoreado, de um lado amarelo, de outro, rosado. Na zona da *pyra*, sob o monumento, jazia ainda um delicado potinho de duas asas em barro branco (caulinítico, oriundo com probabilidade da olaria da Quinta do Rouxinol, no Seixal) e uma lucerna; no interior da cista se conservava um prato de mesa oriundo da actual Tunísia, a que se atribui uma cronologia de a partir de cerca de 250 d.C. até meados do século seguinte, mas que no caso mostrava os atributos das variantes de data mais recuada.

Defronte deste monumento, a pouco mais de 1,5 m, um outro sepultamento idêntico foi detectado. Com o monumento de igual modo revestido de estuque (no caso sobreviveu apenas a parte da base, isenta de pintura) infelizmente não foi possível escavar por força da obra que entretanto decorria, sendo destruído pela mesma. No enfiamento do corredor de circulação formado por este monumento e pelo anterior, a cerca de 2,5 m de distância, um



outro sepultamento de tipo *bustum* foi praticado, e sobre ele erigido monumento. De base quadrilátera pintada a estuque pelo exterior, no centro se encontrou nova cista em tijolo, coberta por grandes pedras que estavam integradas na alvenaria. Do interior da cista se recolheu interessante conjunto de objectos em vidro, composto por uma garrafa globular e duas taças, e também um incensório em bronze representando com maior probabilidade uma divindade masculina oriental. Objectos semelhantes a este foram identificados em Mérida como em Munígua, nos arredores de Sevilha, compondo, a despeito das distintas representações humanas, um conjunto com óbvias afinidades, em qualquer dos casos com datações que não ultrapassam em muito o ano de 270 d.C.

Relativamente centralizado em relação à área porticada, foi revelado pelas escavações um outro monumento de maiores dimensões. Compunham-no uma câmara hipogeica (soterrada), com dupla cobertura feita pelo interior de tijolos dispostos em telhado de duas águas, coberto por fiada horizontal de tijolos. Em três dos lados foi constituído um rebordo da plataforma exterior em formigão isolante (*opus signinum*), e no lado nascente desenvolvia-se um leito (*clina*) destacado, com a superfície composta no mesmo material: trata-se de um espaço destinado à comensalidade funerária. A larga parte central do monumento desenvolvia-se em altura, em alvenaria, recoberta por estuque pelo exterior, de que se identificaram alguns restos, desprovidos de pintura por se tratar da base. Mais uma vez, as acções de roubo de pedra ocorridas em Época Romana obliteraram todo o desenvolvimento arquitectónico do monumento, impedindo-nos de determinar o seu formato. Na câmara

funerária, construída em tijolo, se depôs o corpo de um indivíduo e, aos pés, um pote, uma tigela (bética?), um unguentário de colo muito longo (“candlestick unguentarium”) e uma lucerna oriunda da Hispânia meridional (“tipo Rio-Tinto/Aljustrel”) (FIG. 8). Este último elemento, dotado de marca de oleiro no fundo, encerra paralelo exacto num naufrágio ocorrido no Mar das Baleares cerca de 265 d.C., denominado Cabrera III. Será em torno desta data, portanto, que deverá ter tido lugar o sepultamento.

O espaço assim definido por estes quatro monumentos condicionou a prática dos cinco sepultamentos, em exclusivo inumações, que tiveram lugar nas proximidades. Numa delas foi usada uma telha plana (*imbrex*) sobreposta a um tijolo como se de uma almofada se tratasse. Numa outra, a ladear o crânio de uma adulta feminina foram colocadas fincadas duas telhas curvas (*imbrices*) sobre as quais se colocou um telhão plano (*tegula*), desta forma assinalando a sepultura, o que encontra paralelo nos núcleos funerários próximos e coevos do Largo de São Domingos e da Rua das Portas de Santo Antão. Trata-se, aliás, de um dos poucos testemunhos da forma de cobertura de inumações em coval encontrados nas escavações da Praça da Figueira, dado que todas as restantes foram afectadas por acções posteriores em época romana.

Nos outros quadrantes do espaço porticado, todavia, foram contabilizadas mais quinze sepulturas do século III d.C., das quais duas deposições secundárias de cremação (uma em cista e outra em urna), uma cremação *in situ* (*bustum*), sendo as restantes inumações praticadas em coval. Tem que se considerar, no entanto, que o espaço foi afectado profundamente no ângulo SO pela implantação de um embasamento de monumento no século

FIG. 7

Inumações da Praça da Figueira (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

III d.C., mas, e sobretudo, pela escavação na zona central de um poço das Hortas de São Domingos, no século XV, e que também aqui 80 m² foram acidentalmente destruídos pela obra em 2001, compondo o conjunto uma área de vazio de conhecimento, seguramente povoado por mais sepultamentos que deste modo desconhecemos.

Ainda assim, nas traseiras da vasta parcela murada e porticada é possível afirmar uma menor densidade de uso funerário. Ali se revelaram duas sepulturas de fetos ou neonatos colocadas no interior de duas telhas curvas dispostas em concha, por sua vez cobertas por tijolos dispostos em telhado de duas águas que assinalavam a sua presença na paisagem funerária do local. Perto delas foi também sepultado um cão de algum porte, deposto em decúbito dorsal no interior de um coval. Este sepultamento animal, que nada tem de invulgar em época romana, foi numa data posterior perturbado pela deposição de uma inumação de uma adulta jovem, com cerca de 20 anos, com a particularidade de as pernas desta individua estarem colocadas na posição de “em 4”, constituindo-se desta forma naquilo que se designa como “enterramento atípico”, um atributo que encerra um significado ritual que todavia ainda se nos escapa (Casimiro *et al.*, 2013).

Ao longo da fachada meridional reconheceram-se duas sepulturas de inumação praticadas em coval e uma deposição secundária de cremação em urna, parecendo que esta área não foi especialmente atractiva para a prática funerária (FIG. 7).

Toda a zona limite da fachada para a via, contudo, mostra uma alta intensidade de uso. Junto a um potente embasamento quadrilátero de monumento que obliterou o ângulo SO da área murada, se depositou uma cremação no interior de cista. À direita da entrada do portão foi depositado um ataúde de madeira no interior de um coval, contendo no seu interior um adulto e um espólio rico

e diversificado. À direita deste se encontrava um *bustum*, coberto singelamente por dois tijolos. À esquerda da entrada se praticaram diversas inumações em coval, no espaço que mediava a então antiga *cupa* soterrada e o muro de recinto. Aproveitando um dos topos da *cupa* se construiu uma cista em tijolo e alvenaria, contendo no seu interior os restos da cremação e um unguentário de vidro. Para lá da *cupa*, e também sem a afectar, foi aberto um coval rectangular depois revestido a reboco de cal, com “almofada” em cerâmica de construção, tendo-se no interior sepultado uma adulta jovem acompanhada de duas agulhas de coser e loiça de mesa africana datável dos meados-segunda metade do século III d.C. Cobrindo esta sepultura, e assinalando a sua presença, foi encontrado um amontado de pedras e fragmentos de olaria de construção de pequena dimensão com uma placa funerária de permeio, a qual assinalava o nome de *Iulia Cufrenisa*, mandada gravar por sua irmã *Iulia Arria*: apesar da coincidência da localização, apesar de ter sido encontrada com o letreiro voltado para cima, a discrepância de cronologia entre a sepultada e a inscrição afastam a hipótese da ligação entre ambas, devendo tratar-se tão só (e mais uma vez) de um caso de reaproveitamento.

Ainda na frontaria, uma sepultura de uma individua jovem foi praticada em caixão depositado no interior de um coval. Mais uma vez o mobiliário funerário, relativamente abundante, remete-nos para a segunda metade do século III d.C., e assinala-se aqui quer a inclusão, entre os objectos, de um singular galo em terracota, como a circunstância de ter sido depositada no interior do caixão com os membros inferiores “em posição de 4”, aspecto que como se disse antes assume um significado ritual.

É neste século III d.C., rico em vestígios na Praça da Figueira, que tem lugar o que se afigura como um projecto único, do lado leste da via. Ele incluiu a instalação de três



FIG. 8
Monumento dotado de *clina* e câmara hipogeica destinada a inumação da Praça da Figueira
(créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).



FIG. 9
Monumento funerário do século III d.C. e cista central respectiva
(créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

potentes embasamentos maciços destinados a suportar construções funerárias monumentais, uma elaborada câmara funerária forrada a grande silhar calcário instalada no tardo do maciço central, como também os muros dos recintos associados aos dois monumentos mais a sul. Conforme referido em ocasião anterior, o maciço mais a norte obliterou o muro do grande recinto porticado, que foi forçosamente destruído para a sua instalação, parcialmente pelo menos. De igual modo, os dois restantes monumentos mais a sul e os dois novos recintos a eles associados apagaram da paisagem os elementos fúnebres prévios, casos da *cupa* forrada a formigão também já antes mencionada, como do *ustrinum* com caixa forrada a tijolo datado do século II d.C. e de uma deposição em cista de tijolo, de cronologia análoga. Tendo sido usada a mesma alvenaria nesta iniciativa edilícia mais ampla, parece ter norteado esta acção uma certa intenção de conferir ao conjunto uma forte proeminência visual, relacionada com o entroncamento na via principal da via secundária que conduzia ao circo, numa óptica de observação a partir deste ponto.

Os dois maciços mais a sul mostravam, no seu topo, as impressões da face inferior dos grandes blocos de cantaria (silhares) que compunham a super-estrutura monumental. Nada mais, porém, sobreviveu aqui à voragem de pedra que se regista no local a partir de um momento impreciso situado entre o último terço do século III d.C. e os primeiros anos do século IV d.C. Apenas a grande sepultura situada no tardo do maciço central sobreviveu, com toda a silharia e a grande laje do fundo, embora desprovida da cobertura original: violada na Antiguidade, de permeio com os poucos carvões remanescente se encontraram um disco de jogo de tabuleiro e um pequeno dado, ambos em osso ou marfim.

Do lado contrário da via se subdividiu durante o século III d.C. um antigo recinto em

dois: no primeiro se encontrou, num ângulo do espaço, uma cista em tijolo contendo os *ossilegia* e um unguentário bulbiforme; no outro, na traseira do anterior, e portanto lateral à via secundária, se identificou uma outra cista com os restos da cremação de uma menina. Esta sepultura encerrava alguma singularidade. Primeiro porque para tampa da cista se usou uma laje *marmorea* (na verdade líoz rosa), depois coberta por um conglomerado de pedra de média dimensão que assinalava a presença no espaço fúnebre. No interior da cista, por seu turno, foi depositado a meio e sobre as cinzas e carvões (*ossilegia*), entre dois recipientes em vidro colocados primeiro (entretanto completamente degradados, um dos quais um possível *askos* = biberão), uma panóplia de objectos pessoais composto por uma pequena caixa cilíndrica em marfim (*pyxis*) e as jóias em ouro da defunta, que compreendiam um anel de aro simples, um outro com a inscrição VTF (*utere felix* = sê feliz), um par de brincos com uma pérola de água doce e ainda dois pingentes, dos quais um falisco (um *phalus*, usado como amuleto) e o fecho áureo de um pingente em forma de gota, em vidro vermelho rubi (de origem forânea). Deverá aqui assinalar-se que a legislação romana proibia a deposição nas sepulturas de objectos em metais preciosos, e a presente sepultura constitui por isso uma excepção, porventura motivada pela maior intensidade sentida pela perda desta menina pelos seus parentes.

Na mesma zona, mas bem mais internado no espaço, a cerca de 15 m da via, um canídeo foi cuidadosamente sepultado numa data indefinida de entre os séculos II avançado e o III d.C., com o topo da estrutura fúnebre a apresentar-se também como um aglomerado de pedra de média dimensão, similar ao da sepultura infantil antes descrita.

Continuando o percurso pelo mesmo lado da grande via, um pouco mais para norte outro recinto fúnebre quadrilátero foi nesta

Reconstituição de uma Cremação da Praça da Figueira

David Gonçalves

Em 2006, escavou-se em laboratório um depósito de cremação recolhido dois anos antes na área de necrópole da Praça da Figueira (Lisboa). Tratava-se de um conjunto depositado em cista estruturada a partir de lajes cerâmicas, vulgarmente conhecida como urna em *box* e designada por PF00.

Antes de proceder à escavação, os antropólogos biológicos optaram por submeter o conjunto a uma inspeção radiológica de forma a confirmar que o mesmo continha restos ósseos. Para o efeito, e beneficiando da colaboração do Hospital Escolar da Faculdade de Medicina Veterinária da ex-Universidade Técnica de Lisboa, foi realizada uma tomografia axial computadorizada que permitiu confirmar a presença de ossos no interior da cista (**FIG. 10A**). Adicionalmente, as imagens obtidas permitiram mapear a localização dos ossos e assim contribuir para a definição de uma estratégia de escavação menos destrutiva desse e do outro espólio que compunha o depósito. O registo 3D da cista garantiu igualmente a sua conservação para a posteridade em formato digital, aspecto duplamente importante visto que a escavação em laboratório do contexto em questão resultaria na sua, apesar de adequadamente documentada, irremediável perda.

A escavação propriamente dita foi executada nível a nível, cada um com 20 mm de espessura, e obedecendo a um registo escurpulooso (**FIG. 10B**). A localização, dentro da cista, de cada osso anatomicamente reconhecível foi registada de forma a possibilitar a reconstituição da distribuição do esqueleto humano na mesma.

O conjunto esquelético pertencia, muito provavelmente, a uma mulher adulta que foi sujeita a uma cremação muito intensa, atingindo temperaturas provavelmente acima dos 700°C, que resultou na calcinação dos seus ossos e dentes (**FIG. 10C**). Foi possível perceber, através do peso dos restos humanos (1 219 g), que estes foram meticulosamente recolhidos da pira, limpos de eventuais detritos resultantes da combustão, e depositados na cista. A acompanhá-los estavam ossos de fauna (porco e coelho) e um copo de vidro do tipo *Isings* 34/109 (**FIG. 10D**). Na zona central identificou-se “em fantasma” a presença de um objecto circular indeterminado em matéria perecível, a primeira deposição praticada. Assim se reconstituíram os procedimentos e gestos adoptados na deposição dos elementos rituais que resultaram de uma cremação romana do Alto Império.

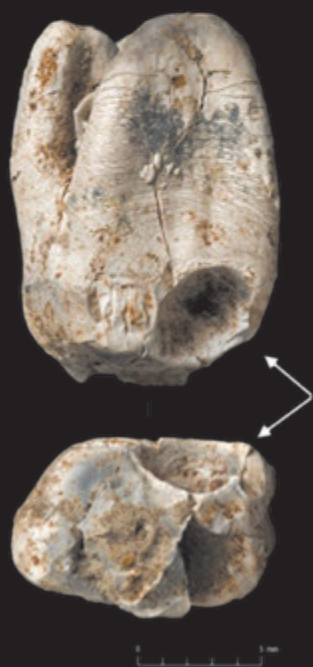
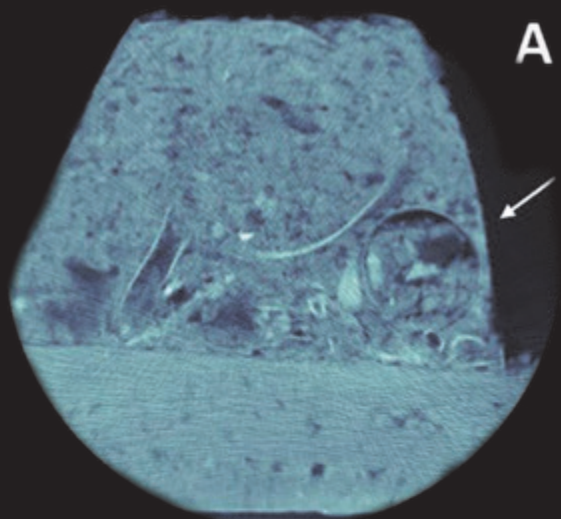
FIG. 10

- A** - secção de uma tomografia axial computadorizada à cista PF00 da área de necrópole da Praça da Figueira (Lisboa), onde é possível discernir o perfil do copo de vidro (seta branca) e de ossos queimados;
- B** - vista ortogonal da cista PF00 em processo de escavação;
- C** - dente molar humano com possível cárie (setas brancas);
- D** - vista da cista PF00 em processo de escavação com pormenor do copo de vidro.

As fotos C e D foram tiradas por José Paulo Ruas.

AGRADECIMENTOS

Cidália Duarte (Direção Regional de Cultura do Norte); José Paulo Ruas (Direção Geral do Património Cultural); Sandra Jesus (Hospital Escolar da Faculdade de Medicina Veterinária da ex-Universidade Técnica de Lisboa); Teresa Médici e Augusta Moniz Lima (Universidade Nova de Lisboa); Marta Moreno-Garcia (Consejo Superior de Investigaciones Científicas).



época reformado, compondo-se uma entrada, e no ângulo do tardo se identificou uma cista em tijolo destinada a cremação ocorrida na segunda metade do século III d.C.

Por fim, entre os dois maciços das estruturas monumentais situados no ângulo NO da escavação de 1999/2001, acima de uma *cupa* mais antiga situada no subsolo, se depositou uma jovem no interior de ataúde de madeira, acompanhada de moeda, lucerna, duas tigelas em cerâmica de mesa africana, potinho de duas asas, uma taça e um copo em vidro e, no exterior do caixão, junto à zona dos pés, um pote. Assinalando este sepultamento se ergueu lateralmente um pequeno murete de alvenaria. O conjunto de objectos desta sepultura, homogéneo, de novo encerra paralelos bem datados que remetem a sua prática para o lapso temporal de entre 260-290 d.C. Como já se havia registado na Praça da Figueira, também esta indivíduo infantil foi deposta no interior do ataúde com os membros inferiores “em posição de 4”, aspecto ritual já por duas vezes assinalado antes para o mesmo período na Praça da Figueira.

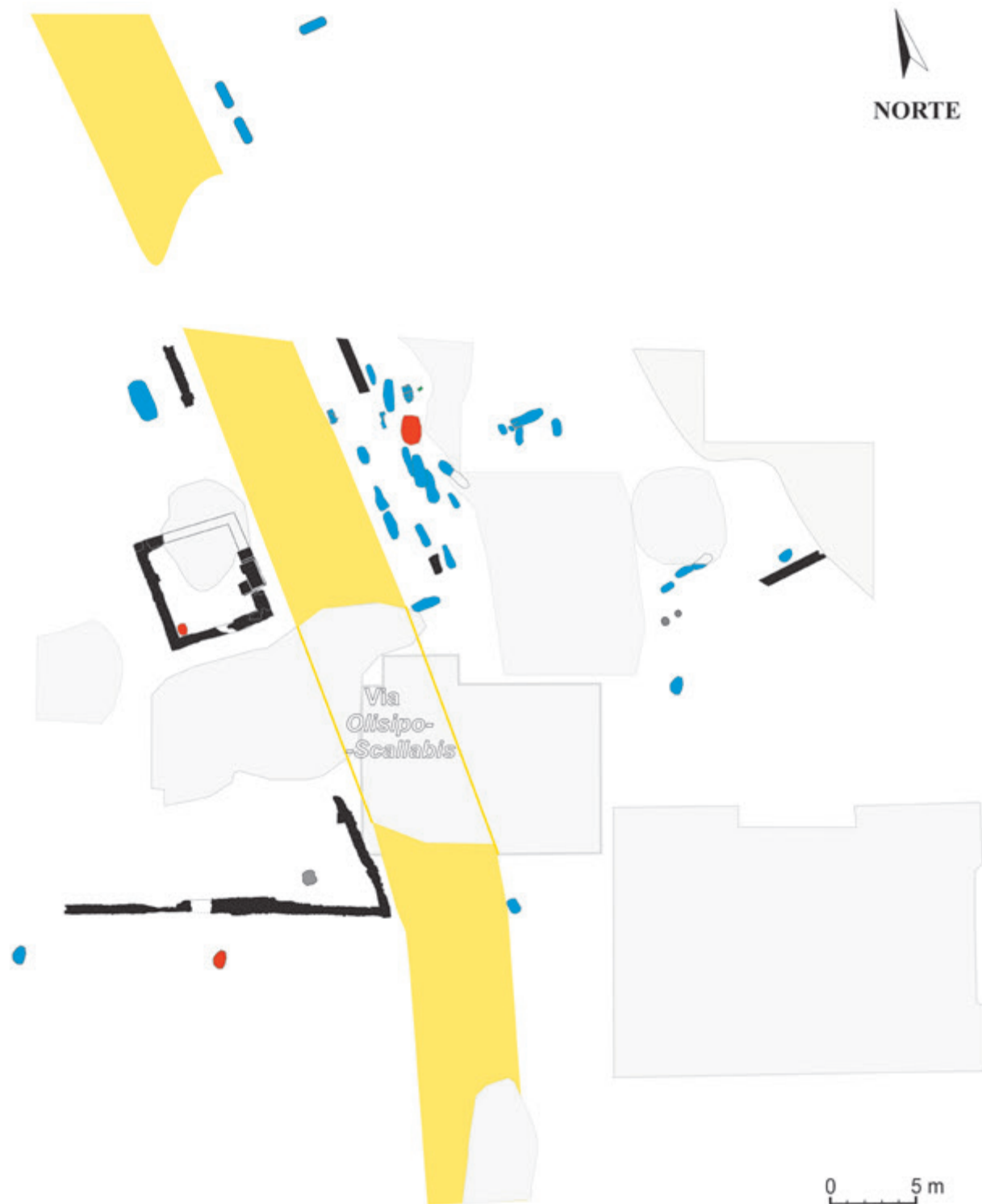
Como de há muito foi assinalado pela investigação sobre o sítio, a partir de um determinado momento que não sabemos por ora precisar, mas que os dados apontam para as últimas décadas do século III d.C. e primeiras do seguinte, o espaço funerário escavado na Praça da Figueira foi alvo de um roubo de pedra generalizado (Silva, 2005), (FIG. 11) que vem transparecendo da narrativa descritiva que vimos produzindo do sítio. Impressionantemente, dos muitos elementos arquitectónicos pétreos que compunham a monumentalidade fúnebre do espaço, recorde-se que superando os 1 500 m² de construções e pequenas estruturas, somente uma cornija sobreviveu a esta voragem! Já em 1997 havia sido sugerido que

os espaços de necrópole olisiponenses haviam sofrido fortemente com acções de roubo de pedra, estabelecendo-se a conexão com a erecção da muralha tardia romana da cidade (Silva, 1999, 2002), aspecto sugestionado pelos achados muito frequentes verificados no século XVIII durante o desmantelamento do lanço ocidental da “Cerca Moura” nas imediações da antiga Porta do Ferro medieva. Os dados da Praça da Figueira vieram reforçar esta leitura prévia de forma contundente, e os estudos aprofundados mais recentes sobre o lanço da muralha romana tardia da cidade, relativos à zona junto ao rio, na Casa dos Bicos, demonstraram que a instalação da muralha ali se situa no último quartel do século III d.C. ou primeiros anos do seguinte, (Filipe *et al.*, 2016, p. 436), data que coincide plenamente com o cenário de “desmonumentalização” traçado para a Necrópole NO.

Esta acção traumática transfigurou por completo a paisagem da área, onde o único elemento que permanece intocado é a grande via romana. Sob as acumulações de terras e pedras de pequeno calibre ao seu redor ficaram ocultos os vários embasamentos das estruturas monumentais fúnebres, como dificilmente se vislumbrariam então os restos dos monumentos erguidos no interior do recinto porticado. Elemento bem evocativo das transformações produzidas por estas intensas acções “desmonumentalizadoras”, é a sepultura encontrada implantada a meio do tabuleiro da via secundária, estrutura vial que, recorde-se, a partir de determinado momento serviu de acesso ao circo tendo sido inclusive dotada no século III d.C. de um portão com grosso ferrolho na sua confluência com a via *Olisipo-Scallabis*: praticou-se no lugar uma incineração e, de novo, uma cista de tijolo foi instalada no centro do *ustrinum*, tendo-se

FIG. 11

Planta da Fase IV da Praça da Figueira (finais do século III-meados do século IV d.C.).



	Piso de eixo viário de circulação		Embasamento de edifício ou monumento em altura		Cremação
	Piso de eixo viário de circulação (suposto)		Construção tumular		Inumação
	Muro (de edifício, recinto ou de parcelário)		<i>Cupa stuctilis</i> enterrada		Inscrição
	Muro suposto (de edifício ou de recinto)		<i>Cupa stuctilis</i> à superfície		Vazio de informação



FIG. 12

Sepultura de cremação implantada no meio do tabuleiro da “Via secundária”.

Finais do século III d.C.- 1.º terço do século IV d.C. (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

colocado a assinalar a presença da sepultura uma pedra de canto em silharia com vestígios de estuque, elemento claramente reaproveitado do remanescente das antigas construções próximas (FIG. 12). O carácter viário deste espaço perde-se então para sempre, e é forçoso questionarmo-nos se não terá sido também este o destino do circo que jaz sob o actual Rossio.

Apesar deste panorama, o lanço norte do muro de fachada do antigo grande recinto porticado permaneceu parcialmente visível, e é ele que irá “vertebrar” e atomizar um conjunto de cerca de uma dezena de sepulturas de inumação praticadas ao longo do muro, de ambos os lados, mas predominantemente para o interior do antigo recinto. Junto ao local do antigo portão três novas inumações cortam a circulação para o interior.

Próximo destas, uma ampla zona de cremação recebe uma cista de tijolo contendo os *ossilegia* e o mobiliário cerâmico e vítreo associado, datado do primeiro terço do século IV d.C. (FIG. 13). Um pouco mais adiante, uma depressão provocada pelas acções de desmantelamento é preenchida com copiosa quantidade de fragmentos de fresco branco, algum do qual com moldura arquitectónica: de permissão se arrostou uma urna, respectiva tampa e uma taça em vidro, restos de uma sepultura do século I d.C.; escavado no depósito dos restos de estuque se depõe uma inumação, infelizmente muito truncada pelas obras de 2001. A sul do antigo pórtico, com o muro de fachada preservado mas coberto por acumulações de sedimentos e lixos, a abertura do coval para instalar uma sepultura de inumação rompe-o em profundidade: a



FIG. 13
Sepultura de cremação de “tipo bustum”.
Finais do século III d.C.- 1.º terço do século IV d.C.
(créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

inunada, uma adulta jovem, apresenta-se de novo com os membros inferiores “em posição de 4”, mostrando a afinidade temporal e ritual com os três outros casos similares que a antecederam no local e que antes reportámos (Casimiro *et al.*, 2013). Numa zona a sul do muro do antigo recinto (e num caso sobre ele) se praticaram três singelas inumações de infantis muito jovens, uma delas com probabilidade em momentos bem mais tardios, dos séculos V-VI d.C. Outro infantil similar, do século V d.C., iria ser depositado lateralmente à via, mais a sul (Casimiro, Prata e Silva, 2016). Trata-se, todavia, de ocorrências singulares e esporádicas, porque a área perdeu, no seu conjunto, o carácter de espaço funerário que encerrou até aos meados do século IV d.C.

A contracção da cidade em época tardia romana transformaria a zona da Praça da Figueira num espaço mais periférico do que anteriormente: numa zona localizada no antigo ângulo entre a via secundária e a via principal, os antigos muros de recinto funerário receberam novas funcionalidades na segunda metade do século IV d.C., compondo o que foi interpretado como um pequeno assentamento doméstico e/ou rural, logo abandonado nos meados do século V d.C.

Na zona, o tabuleiro da grande via *Olisipo-Scallabis* sofreu ainda reparações profundas no final do século IV d.C. ou primeiros anos do século V d.C., documentadas por duas moedas do Imperador Arcádio (377-408 d.C.) achadas na preparação para o último piso. Pelo menos no local, a Antiguidade Tardia posterior documentou a sobreposição e a ocultação por acumulação de terras do tabuleiro da via. Isto não significa que o itinerário tenha deixado de ser percorrido, como aliás o indica o achado de materiais dispersos que traduzem a frequência da zona: somente que o trajecto perde a sua expressão arquitectónica e paisagística, sendo talvez a explicação mais plausível para este facto um fenómeno bem caracterizado para o Oriente antigo mas insuficientemente estudado no Ocidente, o da profunda modificação produzida entre os séculos VI e VII d.C. nos meios de transporte a uso, com a drástica perda de importância do veículo de rodas e tracção animal para o transporte em dorso de animal (Bowersock, Brown e Grabar, 2000, pp. 361 e 672).

Referências

- Alarcão, J.; Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Antiguidades e Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa. Antiguidades Ibéricas e Romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Alarcão, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. V. La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A.M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1996) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F.; Encarnação, J. de, eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.
- Almagro, M. (1955)- *Las necrópolis de Ampúrias*, vol. II. *Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas* (Monografías Ampuritanas; 3). Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, Departamento del Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueología y Prehistoria de Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Almeida, J. M.; Ferreira, F. B. (1965) - Varia Epigraphica (Nova Série). *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento. 75, pp. 82-109.
- Alves-Cardoso, F.; Ramos, A.; Gomes, C. L.; Santos, C.; Pardo, E. A.; Assis, S.; Minhós, T. (2016) - Genetics in Anthropology. In Barbaro, P., ed.- *Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology. Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Developed under the Auspices of the UNESCO*. Oxford: Eolss Publishers. Disponível em WWW: (URL:<http://www.eolss.net>).
- Alves-Cardoso, F. (2018) - Palaeopathology. In López Varela, S. L., ed. - *The SAS Encyclopedia of Archaeological Sciences*. [S.l.]: Wiley-Blackwell. Disponível em WWW: (URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119188230.saseas0437>).
- Alves-Cardoso, F.; Morrone, A.; Casimiro, S.; Rosa, C. (2018) - *O Que de Nós Perdura / What of Us Endures*. [Consult. em 22 Nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-oGiZjAV-vo&feature=youtu.be>).
- Amaro, C. (1986) - Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 6, pp. 96-111.
- Andrade, C. (2001) - *Reconstituição do enchimento do esteiro da Baixa de Lisboa, estuário do Tejo. Relatório final, Praxis XXI, Projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico – ciências da Terra e do espaço [contrato PRAXIS/PCNA/C/CTE/9/96]*. Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- Angelucci, D. E. (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In Mateus, J.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura* (Trabalhos de Arqueologia; 29). Lisboa: IPA [ISBN 972-8662-13-0], pp. 35-84.
- Angelucci, D. E. (2004) - Estudos de Geoarqueologia na Encosta de Santana. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 62.
- Angelucci, D. E. (2008) - Geoarchaeological insights from a Roman age incineration feature (*ustrinum*) at Enconsta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 2624-2633. [DOI: 10.1016/j.jas.2008.04.020].
- Angelucci, D. E.; Costa, C.; Muralha J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): Considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7 (2), pp. 27-47.
- Antunes, A. S.; Manso, C.; Oliveira, J. M. (no prelo) - Evidências apotropaicas da Idade do Ferro em Lisboa (Portugal): o recipiente com oudjat do Convento de Corpus Christi. In *X Coloquio Internacional del CEFYP. Homenaje al Profesor Jose María Blázquez. Mare Sacrum. Religión, cultos y rituales en el Mediterráneo. Cádiz, San Fernando. 13-15 de Diciembre 2017*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Aquilé, X.; Roca, M. (eds.) (1995)- *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial à la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Monografies Emporitanes, 8). Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- Arnau, B.; García, I.; Ruiz, E.; Serrano, M. L. (2003) - El monumento funerario templiforme de la Plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-196.
- Arruda, A. M. (1999-2000)- *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um

- novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Estuário do Tejo: as duas margens do mesmo rio. In Celestino, S.; Rodriguez, E., eds. - *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago em época tartésica* (Anejos del Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2015) - A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 22, pp. 301-314.
- Arruda, A. M.; Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2008) - A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, pp. 117-135.
- Arruda, A. M.; Lourenço, P.; Lima, J. (2015) - Bronces fenicios em Portugal: a propósito del hallazgo de um jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In Jiménez Ávila, J., ed. - *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 443-452.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma. 42, pp. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Antunes, A. S. (2020) - As origens de Olisipo: uma perspectiva sobre a Idade do Ferro na cidade e seu entorno. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo: O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-97.
- Avial-Chicharro, L. (2018) - La medicina romana en Hispania a través de la cultura material. In *III Jornadas de Jóvenes Investigadores en Arqueología*. Madrid: Asociación Jóvenes Investigadores en Arqueología. ¡Excavemos, pp. 400-422.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (846-1422)*. Anexos, Índice, Bibliografia e Estampas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Barros, P.; Branco, G.; Duarte, C.; Correia, J. (2008) - A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 5, pp. 41-52.
- Baten, J.; Blum, M. (2012) - Growing tall but unequal: New findings and new background evidence on anthropometric welfare in 156 Countries, 1810–1989. *Economic History of Developing Regions*. [S.l.]: Economic History Society of Southern Africa, Routledge, 27 (1), pp. 66-85.
- Bejarano Osorio, A. M. (2015) - *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. (Colección de Estudios Históricos de la Lusitania; 9). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 63, pp. 183-226.
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Cordoba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 6, pp. 175-216.
- Blaizot, F.; Tranoy, L. (2004) - La notion de sépulture au Haut-Empire. Identification et interprétation des structures funéraires liées aux crémations. In Baray, L., dir. - *Archéologie des pratiques funéraires. Approches critiques, Actes de la table ronde de Glux-en-Glenne. 7-9 juin 2001* (Bibracte; 9). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont-Beuvray, pp. 171-187.
- Bolila, C. (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Bonifay, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (British Archaeological Reports, International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Borbonus, D. C. (2014) - *Columbarium tombs and the collective identity in Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowersock, G. W.; Brown, P.; Grabar, O. (2000) - *Late Antiquity: a Guide to Post-Classical World*. Harvard: Harvard University Press, 2nd Ed.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 243-275.
- Bussière, J. (2000) - *Lampes antiques d'Algérie*. (Monographies Instrumentum; 16). Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- Bustamante Álvarez, M. (2012) - Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., coords. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regiona-*

- les. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 407-433.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M.; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Cabaço, N.; Lourenço, M.; Silva, R. B. (2019) - O compasso do espaço da necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia. 13, pp. 47-54.
- Caessa, A.; Mota, N. (2011) – 410. Estela funerária do Largo do Contador-Mór, em Lisboa (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 91.
- Caetano, J. C. (2002) - Nécropoles e ritos funerários no Occidente da Lusitania Romana. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001*. Córdoba: Seminario de Arqueologia / Universidad de Córdoba. I, pp. 313-334.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de Felicitas Iulia Olisipo e do seu ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Colibri / Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. 2, pp. 22-35.
- Campos, R. (2012) – As *cupae* do ager Olisiponense. In Andreu Pintado, J., ed. - *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo, pp. 451-477.
- Campos, R. (2019) - A diversidade dos monumentos epigráficos funerários no ager olisiponensis. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-117.
- Cardoso, H. F. V.; Garcia, S. (2009) - The Not-so-Dark Ages: Ecology for human growth in Medieval and Early Twentieth Century Portugal as inferred from skeletal growth profiles. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 138 (2), pp. 136-147.
- Cardoso, H. F. V.; Gomes, J. E. A. (2009) - Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. *International Journal of Osteoarchaeology*. Chichester: John Wiley & Son. 19 (6), pp. 711-725.
- Cardoso, H. F.; Abrantes, J.; Humphrey, L. T. (2014) - Age estimation of immature human skeletal remains from the diaphyseal length of the long bones in the postnatal period. *International Journal of Legal Medicine*. Munique: Springer. 128 (5), pp. 809-824.
- Cardoso, H. F.; Meyers, J.; Liversidge, H. M. (2019) - A reappraisal of developing deciduous tooth length as an estimate of age in human immature skeletal remains. *Journal of Forensic Sciences*. Colorado Springs: American Academy of Forensic Sciences. 64 (2), pp. 385-392.
- Cardoso, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, pp. 61-100.
- Cardoso, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- Carrol, M. (2011) - Infant death and burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 24, pp. 99-120.
- Carroll, M. (2018) - *Infancy and Earliest Childhood in the Roman World (a fragment of time)*. Oxford: Oxford University Press.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. (2013) - Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859-863.
- Casimiro, C.; Prata, S.; Silva, R. B. (2016) - Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In Inglês, J. L.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.
- Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B.; Assis, S. (2017) - *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole noroeste de *Olisipo*. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.
- Castilho, J. (1934) - *Lisboa Antiga. Segunda Parte - Bairros Orientais* (2.ª Ed. anotada por A. A. Vieira da Silva). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, I.
- Chapa Brunet, T. (2001-2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad de Murcia. 16-17, pp. 159-170.
- Christol, M. (2009) - Les cités de droit latin en Gaule méridionale. In Hurlet, F., ed. - *Rome et l'Occident (II siècle av. J.-C.-II siècle apr. J.-C.)*. Gouverner l'Empire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 315-358.

- Correia, V. ([1928] 1972) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. IV, pp. 169-179.
- Costa, C.; Duarte, C.; Muralha, J. (2006) - Associações de restos de *Equus asinus* ao núcleo de necrópole romana da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In Bicho, N., ed. - *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, pp. 105-116.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Lopes, V.; Bugalhão, J.; Cascalho, J.; Andrade, C.; Rocha, A. (2018) - As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In Bernardes, J. P.; Etchvarne, C.; Lopes, M. C.; Costa, C., eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-273.
- Costa, M. C. (2010) - *Redes Viárias de Alenquer e suas Dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- De Man, A. (2008) - *Defesas Urbanas Tardias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento).
- De Man, A.; Silva, R. B. (2016) - Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gente, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-65.
- Dias, M. M. A. (1984) - Um epitáfio romano achado em Lisboa. *Euphrosyne - Revista de Filologia Clássica*. Lisboa: Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova Série. 12, pp. 235-238.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D. (1994) - 284. Fragmento de Sepultura Paleocristã. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1997) - 261. Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Anexo de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 56.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - 288. Fragmento de inscrição paleocristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 63.
- Dwight, T. (1894) - Methods of estimating the height from parts of the skeleton. *Medical Record*. Washington: Washington Institute of Medicine. 46 (10), pp. 293-296.
- Edmonson, J. (2009) - New light on doctors, medical training and links between *Augusta Emerita* and *Olisipo* in the mid-first century A.D. In *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 48). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 117-129.
- Encarnação, J.; Fernandes, L. (1997) - Urna cinerária romana da Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. II Série. 5, pp. 15-19.
- Encarnação, J.; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) - 548-550. Inscrições de Olisipo identificadas na "Cerca Velha". *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 131.
- Encarnação, J.; Pina, M. J. (2018) - Pega de cerâmica com o voto VTF. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 169.
- Fabião, C. (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope-Ler e Desfazer a História*. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope. 13, pp. 147-162.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Fabião, C. (2020) - Em busca do fórum de Olisipo. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-25.
- Faria, A. M. (1995) - Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português. *Vipasca - Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 4, pp. 89-99.
- Fernandes, L. M. M. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 14, pp. 263-211.
- Fernandes, L. (2020) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de re-*

- apresentação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 190-213.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. (2020) - Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 215-231.
- Ferreira, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira, em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação (manuscrito – exemplar policopiado a partir de microfilme).
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana. Tarragona. 10-13 de diciembre de 2014 (Monografías Ex Officina Hispana; III). Tarragona: SECAH e ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 423-445.
- Filipe, V. M. S. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica: economia e comércio entre a República e o Principado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Filipe, V.; Leitão, M.; Leitão, V.; Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R. (2020) - As muralhas de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fabião, C., coord. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-71.
- Filipe, V.; Santos, R. (2020) - Banhos termiais na Rua da Adiça, Alfama. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 81-85.
- Fully, G. (1956) - Une nouvelle méthode de détermination de la taille. *Annales de Médecine Légale, de Criminologie et de Police Scientifique*. Paris: Société Française de Médecine Légale. 35, pp. 266-273.
- Garcia, S. (2019) - Crescer na cidade de Leiria na Baixa Idade Média: As evidências osteológicas. *Anais Leirenses - Estudos & Documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, pp. 265-284.
- García Prósper, E.; Polo Cerda, M.; Guérin, P. (2002-2003) - Rituales funerários ibéricos en la necrópolis fundacional de Valencia. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 13-14, pp. 279-310.
- Garnsey, P. (1998) - Child rearing in ancient Italy. In Scheidel, W., ed. - *Cities, Peasants and Food in Classical Antiquity: Essays in Social and Economic History*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-271.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Guerra, S.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. (2003) - Castelo de São Jorge: Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa: IGESPAR. 4, pp. 214-223.
- Gomes, F. B. (2013) - Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/CEFYF. 6, pp. 77-94.
- Gomes, F. B. (2016) - *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Gonçalves, D. (2007) - *Funus. Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A.; Angelucci, D. (2010) - The Roman Cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 13, pp. 125-144.
- González Villaescusa, R. (2001) - *El mundo funerário en el País Valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. y VII d. de C*. Madrid e Alicante: Casa de Velasquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Gowland, R. L.; Chamberlain, A.; Redfern, R. C. (2014) - On the brink of being: Re-evaluating infanticide and infant burial in Roman Britain. In Carroll, M.; Graham, E.-J., eds. - *Infant Health and Death in Roman Italy and Beyond* (Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 96). Durham: Durham University Library, pp. 69-88.
- Guerin, P.; Martínez Valle, R. (1987-1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 21, pp. 231-265.
- Guerra, A. (2003) - Algumas notas sobre o Mundo Ru-

- ral do Território Olisiponense e as suas Gentes. In Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, pp.123-150.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra, A.; Reis, S. H. (2018) - Ser médico e aprender medicina na Lusitânia romana. *Cuadernos de Arqueología*. Pamplona: Universidad de Navarra. 26, pp. 19-48.
- Guerra, A. (2019) - Onomástica, realidade social e vida pública em *Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 12-29.
- Guerra, S.; Sousa, E. (no prelo) - Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro.
- Gusi, F.; Muriel, S. (2008) - Panorama actual de la investigación de las inhumaciones protohistóricas del sudoeste mediterráneo europeo. Nasciturus, Infans, Puerulus vovis mater terra. In Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C., eds. - *Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media*. Castelló: Diputación de Castelló, pp. 257-329.
- Han, S.; Betsinger, T. K.; Scott, A. B. (2017) - *The anthropology of the fetus: Biology, culture and Society*. New York: Berghahn.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Harlow, M.; Laurence, R. (2001) - *Growing up and growing old in ancient Rome. A life course approach*. London: Routledge.
- Harlow, M.; Laurence, R.; Vuolanto, V. (2007) - Past, present and future in the study of Roman childhood. In Crawford, S.; Shepherd, G., eds. - *Children, childhood and society* (BAR International Series; 1696). Oxford: Archaeopress, pp. 5-14.
- Henderson, C., Alves Cardoso, F., eds. (2018) - *Identified Skeletal Collections: the testing ground of anthropology?* Oxford: Archaeopress.
- Hilts, C. (2016) - The fragrant dead. How to treat your dead, the Roman way. *Current Archaeology*. [S.l.]: Current Publishing, 312. Disponível em WWW: (URL: <https://www.archaeology.co.uk/articles/features/the-fragrant-dead-how-to-treat-your-dead-the-roman-way.htm>) [Consultado em 17/10/2020].
- Hope, V. M. (2007) - *Death in Ancient Rome (a source-book)*. Oxford: Routledge.
- Heleno, M. (1965) - A estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. 4, pp. 305-308.
- Isings, C. (1959) - *Roman glass from dated finds* (col. Archaeologia Traiectina; II). Groningen e Jacarta: Academiae Rheno - Traiectinae Instituto Archaeologico
- Hopkins, K. (1966) - *On the probable age structure of the Roman population. Population Studies*. Oxford: Taylor & Francis Ltd. 20 (2), pp. 254-64.
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: J. B. Walters, (Archeologica Traiectina edita ab Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico).
- Jiménez, A. (2008) - Roman Settlements / Punic Ancestors. Some Examples from the Necropoleis of Southern Iberia. *Bolletino di Archeologia online. International Congress of Classical Archaeology - Meetings between in the Ancient Mediterranean*. Roma: Ministerio per I Beni e le Attività Culturali, Direzione Generale per le Antichità. Volume especial, pp. 25-43.
- Jiménez Ávila, J. (2002) - *La touréutica orientalizante em la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série 2. 2-3, pp. 61-69.
- Leisner, V.; Schubart, H. (1966) - Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut. 7, pp. 9-47.
- Lamelas, I. P.; Gonçalves, J. A. (2020) - *Potâmio de Lisboa. Escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Leitão, M.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2020) - *Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na Antiguidade Tardia: o caso do troço de muralha da Casa dos Bicos (Lisboa, Portugal)*. In Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J., eds.- *Exemplum et Spolia la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (col. Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología; 7). Mérida: Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura. II, pp. 769-777.
- Lelekovic, T. (2012) - Cemeteries. In Migotti, B., ed. - *The Archaeology of Roman Southern Pannonia. The state of research and selected problems in the Croatian part of the Roman province of Pannonia* (BAR International Series; 2393). Oxford: Archaeopress, pp. 313-357.
- Lillo Carpio, P. (2001-2002) - Notas acerca de la incineración. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad. 17-18, pp. 127-146.
- Loja, S.; Quaresma, J. C.; Cabaço, N.; Lourenço, M.;

- Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. (2020) - O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1359.
- Lopes, V. A. M. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidad de Huelva (Dissertação de Doutoramento).
- López Melero, R. (1997) - Enterrar en Urso (*Lex Ursonensis* LXXIII-LXXIV). *Studia de Historia Antigua*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 15-16, pp. 105-118.
- Mantas, V. G. (1994) - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 70-75.
- Martin Ruiz, J. A. (2009) - Estelas funerárias fenícias en Andalucía. *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ CEFYP. 2, pp. 41-49.
- Martínez Pérez, M. A. (2015) - Monumentos funerarios romanos en la Comunidad Valenciana. Tipos y ejemplos más destacados. *ArqueoWeb*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 16, pp. 102-123.
- Mendonça, M. C. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 112 (1), pp. 39-48.
- Moita, I. (1968) - Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-71.
- Moita, I. (1994) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte.
- Morillo Cerdán, A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- Morris, I. (1992) - *Death-ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mota, N.; Carvalinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M.; Prata, S., eds. - *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos; 18). Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-535.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 11, pp. 245 -246.
- Muralha, J.; Costa, C. (2004) - *Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz - Lisboa). Relatório da Escavação arqueológica*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- Navascués, J. M. (1951) - *La era “...as”*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 19, pp. 123-128.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- Olivier Foix, A.; Gómez Bellard, F. (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló: Diputació de Castelló. 14, pp. 51-61.
- Ortner, D. J. (2003) - *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego: Academic Press.
- Osuna, A. R. (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus*. Tesis doctoral – Universidad de Córdoba. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Padez, C. (2007) - Secular trend in Portugal. *Journal of Human Ecology*. Delhi, India: Kamla-Raj. 22 (1): pp. 15-22.
- Peña, J. T. (2007) - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge.
- Pereira, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Pereira, C. (2018) - *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Série Suplementos; 9). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- Pereira, M. A. H. (1975) - Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 14, pp. 173-175.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8 (2), pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Guapo, A. R.; Luna, I.; Robalo, C. (2020) - A Necrópole Pré-Romana da Berbelita, Alenquer. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II. 23, pp. 26-33.

- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal. 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) - O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, pp. 6-31.
- Pirenne, H. ([1927] 1962) - *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Ed. Europa-América.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - The 3rd century AD in motion: new proposals on morphologic-and-chronological lamps evolution (Disc-type, Dressel 28, Dressel 27, Dressel 30 and Disc-type derived). In *Terracota lamps in Archaic, Classical, Hellenistic, Roman and Early Byzantine Anatolia: production, use, typology and distribution. An international symposium. May 16-17, 2019, Izmir, Turkey*. Izmir: Izmir Center of the Archaeology of Western Anatolia.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) - Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium). *Pyrenae*. Barcelona: Universidad de Barcelona. 48.2, pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) - An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades NOVA/FCSH. 2nd Series. 1, pp. 82-103.
- Rebelo, P.; Peça, P. (no prelo) - Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In Antunes, A. S.; Nozes, C.; Carvalhinhos, M.; Leitão, V., eds. - *Atas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL.
- Rémy, B. (1998) - Les élites locales et municipales de la colonie de Vienne au Haut-Empire. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles: L'Antiquité Classique. 67, pp. 77-120.
- Ribeiro, J. C. (1989-1990) - Romanização e romanidade na «Zona Oeste» do município olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra: Jornal de Sintra-Semanário Regional Independente, 27/10/89 a 23/3/90.
- Ribeiro, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3 (Especial Arqueologia na Região de Lisboa), pp. 75-95.
- Rocha, A. S. (1975) - *A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim. Memórias e Explorações Arqueológicas* (Memórias sobre a Antiguidade; 3) Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 127-141.
- Ruiz Val, E.; Serrano Marcos, M. L.; Arnau Davó, B.; García Villanueva, M. I. (2003) - El monumento funerario templiforme de la plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-195.
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln* (col. Forschungen in Augst; 13/2). Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.
- Santos, B. S.; Pereira, S. S.; Silva, R. B.; Casimiro, S.; Detry, C.; Alves-Cardoso, F. (2020) - Ritual, descarte ou afetividade? A presença de «*Canis lupus familiaris*» na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1457-1466.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Santos, F. J. C.; Carvalho, P. C. (2008) - Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 47, pp. 127-143.
- Scheuer, L.; Black, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London: Elsevier.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1 - *A terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 401-414.
- Serrão, E. da C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Serrão, E. da C. (1974) - A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1, pp. 129-142.
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo - subsídios para a história de Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Moura*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Silva, F. C. (2018) - *Mundo funerário romano sob o prisma da cremação. Análise antropológica de amostras Alto-Imperiais da Lusitania*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha". Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997*. Lisboa: Câmara Municipal, DPC/DA, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2002) - As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. In Barros, L. M.; Henriques, F. J. R., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997* (col. Monografias - Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.
- Silva, R. B. (2005) - As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de *Olisipo* (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. - *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana. Omenaje a Xavier Dupré Raventós (1956-2006)* (Anexos del Archivo Español de Arqueología; 60). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 201-213.
- Silva, R. B. (2012a) - As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (2012b) - Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. In Pimenta, J., coord.- *Atas da Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga"* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2014) - A intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol: as evidências do período romano. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, pp. 178-199.
- Silva, R. B. (2015) - O contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. - *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (col. Monografias da AAP; I). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2018a) - A «via norte» de *Olisipo*: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e da dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A. A.; Cameira, I., coords. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: CML/DMC/DPC/Centro de Arqueologia de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- Silva, R. B. (2018b) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de *Olisipo*. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 179-187.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martinez, S., eds. - *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 50, pp. 57-88.
- Teixeira, S. (2019) - Os grupos servis do município. Origem, funções e ambições. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 70-85.
- Toynbee, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Toynbee, J. M. C. (1996) - *Death and Burial in the Roman World* (2.ª Ed.). Baltimore: John's Hopkins University Press.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (1999) - 284. Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico-Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 62.
- Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1965) - Acerca do Vaso «Piriforme» Tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa. 63-64, pp. 175-183.
- Turner-Wilson, A. (2007) - The appearance of health. The symbolic Construction of the healthy body through urban cemetery evidence from Late Iron Age and Early Roman Britain. In Croxford, B.; Ray, N.; Roth, R.; Natalie White, N., eds. - *TRAC 2006*:

- Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Cambridge, 2006.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 103-114.
- Van Driel-Murray, C. (1999) - And Did Those Feet in Ancient Time... Feet and Shoes as a Material Projection of the Self. In Baker, P.; Forcey, C.; Jundi, S.; Witcher, R., eds. - *TRAC 98: Proceedings of the Eighth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Leicester 1998.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 131-140.
- Van Driel-Murray, C. (2016) - 6. Fashionable Footwear: Craftsmen and Consumers in the North-West Provinces of the Roman Empire. In Wilson, A.; Flohr, M., eds. - *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford: Oxford University Press, pp. 132-152.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2001a) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2001b) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 74 (183-184), pp. 131-160.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2002) - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007a) - La muerte en la Hispania Romana: ideología y prácticas. In Barca Durán, F. J.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Enfermedad, muerte y cultura em las sociedades del pasado: importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos: actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología - I Encuentro hispano-luso de Paleopatología. Cáceres, 16-19 de Noviembre de 2005.* Cáceres: Fundación Academia Europea de Yuste. I, pp. 135-158.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007b) - Crematio et humatio in Hispania: Cordubensium mos. In Faber, A.; Fasold, P.; Struck, M.; Witteyer, M., eds. - *Körpergräber des 1-3. Jahrhunderts in der römischen Welt. Internationales Kolloquium Frankfurt am Main. 19 - 20 November 2004* (Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt am Main; 21). Frankfurt am Main: Archäologisches Museum Frankfurt, pp. 271-290.
- Vaquerizo Gil, D. (2019) - Planificación topográfica en las necrópolis de Colonia Patricia (ss. I a.C.-II d.C.). *Madrider Mitteilungen.* Wiesbaden: Reichert Verlag. 60, pp. 417-421.
- Vaquerizo Gil, D. (2020) - Parcelaciones funerarias en necrópolis cordubenses. Reflexiones a partir de dos hallazgos recientes. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 93, pp. 147-172.
- Vargas Cantos, S.; Vaquerizo, D. (2001) - Tipología y evolución de los ajuares. In Vaquerizo, D., coord. - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba, pp. 158-161.
- Vargas Cantos, S. (2002) - El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronologías. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba. II, pp. 297-310.
- Vasconcelos, J. L. (1900a) - 9. Incrição de Olisipo. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 173.
- Vasconcelos, J. L. (1900b) - 1. Largo de São Domingos. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 283.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de ara do municipium olisiponense.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado).
- Vieira, V. (2012) - Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa, em Alfama. *Portugal Romano.com. Revista de Arqueologia Romana.* [S.l./s.n.]. 3, pp. 117-124.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. 38, pp. 5-29.
- Zamora López, J. A. (2005) - La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos. *Acta Paleohispanica.* Barcelona: Universidad de Barcelona. 5, pp. 155-192.

Lista de Autores

ANA LEMA SEABRA

ICArEHB - Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

asbr73@gmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

A.M.Arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento
de Património Cultural/ Direção Municipal
de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
Uniarq - Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.

ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

CATARINA BOLILA

Neoépica, Ld.^a

catarinabolila@hotmail.com

CIDÁLIA DUARTE

Direção Geral do Património Cultural.

cidalia2010@gmail.com

CLÁUDIA COSTA

ICArEHB-Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

cmcosta@ualg.pt

CLÁUDIA MANSO

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

claudia.manso@chimerapatrimonio.pt

DAVID GONÇALVES

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências
FCSH/NOVA. Direção Geral do Património Cultural.

davidmiguelgoncalves@gmail.com

DIEGO ANGELUCCI

Università degli Studi di Trento. Uniarq - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

diego.angelucci@unitn.it

ELISA DE SOUSA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.

e.sousa@campus.ul.pt

ÉVER CALVO

Era-Arqueologia, S.A.

evercalvo@era-arqueologia.pt

FRANCISCA ALVES-CARDOSO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FSCH/NOVA.

francicard@fcsh.unl.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Ld.^a

helenapinho.neoeptica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção Geral do Património Cultural.

jacintabugalhao@gmail.com

JOANA REIS

Neoépica, Ld.^a

joana.arqueologia@gmail.com

JOÃO MURALHA

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências
do Património da Universidade de Coimbra

jmuralha@gmail.com

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/
NOVA; Departamento de História FCSH/NOVA.

josecarlosquaresma@gmail.com

JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

jose.oliveira@chimerapatrimonio.pt

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/NOVA.

manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

MARINA LOURENÇO

Era-Arqueologia, S.A.

marinalourenco@era-arqueologia.pt

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz/
Instituto Universitário Egas Moniz; Laboratório de
Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz/ Egas
Moniz Cooperativa de Ensino Superior. LABOH -
Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia
Humana FCSH/NOVA; CRIA - Centro em Rede
de Investigação em Arqueologia FCSH/NOVA.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NÉLSON CABAÇO

Era-Arqueologia, S.A.

nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO BOTELHO

Engobe – Arqueologia e Património, Ld.^a

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PEDRO FERNANDES

Neoépica, Ld.^a

pedromqfernandes@gmail.com

PEDRO PEÇA

Neoépica, Ld.^a

pedropeca@gmail.com

RAQUEL GRANJA

Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade
de Lisboa. CIAS - Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde da Universidade de
Coimbra. LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório
de Arqueociências FCSH/NOVA. Direção
Geral do Património Cultural.

raagranja@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
Departamento de História FSCH/NOVA.

rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

SUSANA GARCIA

Instituto de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa.

msgorjao@gmail.com

SÍLVIA CASIMIRO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FCSH/NOVA.

smcasimiro@gmail.com

VASCO LEITÃO

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/
Direção Municipal de Cultura/ Câmara
Municipal de Lisboa.

vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Ld.^a

vav@sapo.pt

VÍTOR FRAZÃO

Neoépica, Ld.^a

vitfrazao@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara

Municipal de Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior

/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIAQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
Para Além Desta Vida - Memória Funerária da Cidade - VII

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Rodrigo Banha da Silva – CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Lema Seabra
Ana Margarida Arruda
Ana Sofia Antunes
Catarina Bolila
Cidália Duarte
Cláudia Costa
Cláudia Manso
David Gonçalves
Diego Angelucci
Elisa de Sousa
Éver Calvo
Francisca Alves-Cardoso
Helena Pinheiro
Jacinta Bugalhão
Joana Reis
João Muralha
José Carlos Quaresma
José Miguel Oliveira
Manuela Leitão
Marina Lourenço
Nathalie Antunes-Ferreira
Nelson Cabaço
Nuno Neto

Paulo Botelho
Paulo Rebelo
Pedro Fernandes
Pedro Peça
Raquel Granja
Rodrigo Banha da Silva
Susana Garcia
Sílvia Casímiro
Vasco Leitão
Vasco Noronha Vieira
Vitor Frazão

REVISÃO DO VOLUME
Rodrigo Banha da Silva - CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML
Inês Morais Viegas - DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Inês Morais Viegas (coord.) - DPC / DMC / CML
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

DESENHO DE CAPA
César Figueiredo

ISBN
978-989-658-697-3

DATA DE EDIÇÃO
Novembro 2021

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
<https://twitter.com/LisboaRomana>

LISBOA
ROMANA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO